

# A preparação para a morte em Michel de Montaigne: uma leitura do ensaio “Que filosofar é aprender a morrer”

Ivan Cleber Lopes dos Santos

**Resumo:** O presente trabalho investiga o ensaio “Que filosofar é aprender a morrer”, do filósofo francês Michel de Montaigne, tendo como objetivo a elucidação dos argumentos do filósofo em defesa da necessidade de uma antecipação mental da morte, isto é, de sua premeditação como forma de preparação para sua chegada. Evidencia também que essa preparação tem como alicerce a eliminação do temor da morte como pressuposto fundamental para uma boa condução da vida, o que torna, portanto, essa preparação, e toda a filosofia da morte de Montaigne, uma reflexão moral, pois visa o bem viver dos homens. É analisada ainda, a descrição que o filósofo francês faz da morte, na qual expõe as características que a distingue dos outros males humanos como a dor e a pobreza, além de demonstrar como essas características contribuem no aumento do temor dos homens em relação a esse momento fatal. Por último, e fundamentalmente, é investigado o papel que Montaigne atribui à natureza como auxiliadora nesse difícil embate com a morte.

**Palavras-chave:** Morte; Meditação; Natureza; Preparação.

“Que filosofar é aprender a morrer” é o ensaio considerado clássico em relação à filosofia da morte de Montaigne. Escrito em 1572, é um dos textos que melhor representa o modo de pensar e escrever do filósofo francês em seus primeiros ensaios. Nele, Montaigne tem como base central de sua argumentação a questão da meditação sobre a morte. Seus argumentos defendem a necessidade de uma preparação imaginativa, ou seja, uma antecipação mental da morte para que o temor que ela provoca, o qual é um grande empecilho para a boa condução da vida, possa desaparecer.

Uma importante característica dos primeiros ensaios de Montaigne é que o título e o primeiro parágrafo do ensaio já expõe de modo direto o problema que se pretende debater; isso é comum, sobretudo nos escritos em 1572. O título “Que filosofar é aprender a morrer” foi inspirado em uma máxima antiga, na qual Montaigne cita Cícero como o autor da sentença: “[A] Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte” (I.20, p. 120). Montaigne colhe esse

mote da obra *Tusculanas*, em que Cícero faz uma alusão ao *Fédon*, de Platão, que é a fonte primeira da sentença. O filósofo latino se refere a Sócrates, em seus momentos finais de vida, onde o filósofo grego afirma que a vida inteira do filósofo se configura uma preparação para a morte.

Diante disso, Montaigne oferece duas possíveis interpretações para a sentença ciceroniana. A primeira é: “[A] o estudo e a contemplação retiram nossa alma para fora de nós e ocupam-na longe do corpo, o que é um certo aprendizado e semelhança com a morte” (Idem); a segunda é: “toda sabedoria e discernimento do mundo se resolvem por fim no ponto de nos ensinarem a não termos medo de morrer.” (Idem)

Feita a exposição das possíveis interpretações da sentença de Cícero, cabe explicá-las. Na primeira é explícito o dualismo corpo/alma platônico exposto no *Fédon*, o qual, conforme já informado, exerceu uma grande influência nas obras ciceroniana. No *Fédon*, Platão descreve a morte da seguinte forma: “Estar morto consiste nisto: apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo; a alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma.” (PLATÃO, 1972. 64c). Desse modo, o exercício filosófico teria a capacidade de elevar-nos a um estado em que a nossa alma se separa do corpo (dualismo), provocando uma experiência semelhante à de estar morto, o que seria um movimento de aprendizagem na preparação para esse momento derradeiro, ou seja, a consequência desse exercício constante de afastamento da alma em relação ao corpo, que ocorre através da contemplação e meditação filosófica, deixando de lado as necessidades corporais (ascetismo), prepararia a alma para a morte que, por sua vez, seria a separação total do corpo e alma.

Ao longo de sua obra, Montaigne demonstra ser contrário ao dualismo platônico e também não entra em acordo com o argumento da imortalidade da alma que Platão emprega. É importante salientar

que o filósofo francês não está preocupado com o que virá depois da morte, sua tese exposta no ensaio citado é a de que a razão deve nos auxiliar da melhor forma possível na condução de nossa vida mesma, não no que virá depois dela, como acontece na teoria platônica e nas demais teorias amantes da imortalidade paradisíaca.

Em relação à segunda interpretação, ela parece remeter à escola estoica, a qual tinha como um dos preceitos a aceitação da morte como um pressuposto para a felicidade na vida. As palavras do filósofo estoico Sêneca, em sua obra *Sobre a brevidade da vida*, ajudariam a ilustrar essa tese, segundo ele: “deve-se aprender a viver por toda a vida e, por mais que te admires, durante toda a vida se deve aprender a morrer” (SÊNECA, 2008b, p. 41). No entanto, tal qual Platão, os estoicos condenavam o prazer, visto que a renúncia dos prazeres era tida como virtude. Porém, Montaigne afasta-se desse ascetismo quando faz a afirmação de que.

[A] Todas as opiniões do mundo coincidem [C] em que o prazer é nossa meta, [A] embora adotem meios diferentes para isso; de outra forma as rejeitaríamos logo de início, pois quem escutaria alguém que estabelecesse como fim nosso penar e descontentamento? (Idem).

Isto sugere um distanciamento de Montaigne em relação tanto ao ascetismo platônico quanto ao estoico.

Apesar de as duas interpretações terem sido colocadas no mesmo patamar de explicação da sentença ciceroniana, elas tendem a divergir. Na primeira, Platão recusa o prazer, já que este é relacionado ao corpo, prejudicando a meditação filosófica; na segunda, o filósofo francês coloca este próprio prazer como importante alvo da razão e, conseqüentemente, da meditação filosófica. Com isso, parece ficar claro que Montaigne abandona de vez a primeira interpretação. Portanto, o mote ciceroniano serviu apenas como inspiração para iniciar a discussão

sobre o problema da morte no ensaio, é a segunda interpretação e o diálogo constante com o estoicismo em que Montaigne se deterá.

## **Caracterização da morte**

Para entrar de fato no problema em que se propôs, Montaigne faz uma descrição da morte evidenciando suas características, a saber, o seu caráter inevitável, universal e imprevisível. O fato de a morte ser inevitável é o que a distingue dos outros males humanos como, por exemplo, a pobreza e a dor, males estes que Montaigne considera, ao lado da morte, os principais adversários do homem. De acordo com o filósofo, todas as escolas filosóficas recomendam que desprezemos a dor, a pobreza e outros acidentes que são comuns na condição humana, mas não com o mesmo cuidado com que ensinam o desprezo pela morte, afinal a dor e a pobreza são males que podem ou não ocorrer, além do que, se quisermos, temos a possibilidade de pôr fim a esses males por meio da morte (suicídio), no entanto, a morte mesmo é inevitável. Há quem passe a vida inteira sem ter sentido dor alguma, ou sem ter vivido em nenhum momento na pobreza, mas ainda assim da morte ele não escapa, portanto, a morte é universal, essa é sua segunda característica, não importa a condição de pobre, rico, jovem ou velho, a morte virá para todos.

O caráter inevitável e universal da morte são os principais causadores do temor que os homens têm em relação a ela: ainda que se possa viver sem sofrer os outros males da vida, como é possível viver uma boa vida sabendo que a morte não pode ser vencida? Se a morte parece tão horrível para nós a ponto de nos causar demasiado temor, esse temor, por si só, já é o bastante para tornar nossa vida imensamente desconfortável, afinal de contas, a hora da morte pode chegar a qualquer momento e é certo que esse momento virá, mas não temos certeza em que circunstância, em que lugar, nem quando será o momento exato.

Com isso, Montaigne aponta mais uma característica da morte, a saber, sua imprevisibilidade: “[C] Não há lugar de onde ela não nos venha; podemos virar incessantemente a cabeça para um lado e para o outro, como em terra suspeita” (I.20, p. 122). Montaigne vai ilustrar tal situação através do método dos exemplos, onde o filósofo vai elencar uma série de exemplos de como a morte pode chegar no momento mais inesperado: como um rei que morreu derrubado por um porco; ou o escritor grego Ésquilo que, advertido de que morreria da queda de uma casa, embora dormisse em campo aberto, foi esmagado por uma tartaruga caída das garras de uma águia; ou, ainda, Caio Júlio, médico romano, ao tratar os olhos de um paciente, eis que a morte fecha os seus para sempre.

A morte, portanto, além de inevitável e universal, é também imprevisível, pois não escolhe hora, local, idade ou circunstância para aparecer, ela tem a condição de nos surpreender de diversas formas e isso gera medo, e esse medo é o mal que deve ser superado, é o grande adversário a ser vencido. Sabemos pouco do que precisamos e muito do que não deveríamos saber e a essência da morte é justamente essa mistura entre incerteza e certeza.

Diante disso, Montaigne enfatiza a necessidade da superação do medo da morte e de nos prepararmos para a sua chegada, pois permitir que esse medo se estabeleça comprometerá a qualidade da vida: “[A] A morte é o objetivo de nossa caminhada, é o objeto necessário de nossa mira; se ela nos assusta, como é possível dar um passo à frente sem temor?” (I.20, p. 123) Portanto, devemos nos habituar a ela, tê-la sempre em mente para extinguir o temor de sua chegada.

## **Crítica ao vulgo e as consequências de uma preparação para a morte**

É nesse cenário de imprevisibilidade da chegada da morte, essa falta de conhecimento de quando ela virá e a certeza de sua inevitabilidade,

que estão os principais geradores de temor nos homens. Essa é a base principal do argumento de Montaigne para defender a premeditação da morte, pois ela, conforme lembra o filósofo, não é algo exclusivo dos idosos e enfermos, ela pode atingir qualquer pessoa, em qualquer parte da vida, portanto, a preparação é fundamental. Desse modo, para Montaigne, negar-se a pensar na morte parece ser uma tarefa mais difícil do que meditar sobre ela, do que enfrentá-la. No entanto, é justamente esse meio que as pessoas comuns (vulgo) preferem seguir quando se trata da morte, não pensar nela, dar-lhe às costas. Essa postura, contudo, é duramente criticada por Montaigne: “Mas de qual brutal estupidez lhe pode advir uma tão grosseira cegueira” (I.20, p. 123). E é aí que começa a crítica de Montaigne ao vulgo, segundo ele, as consequências de não pensar na morte seriam terríveis:

Mas quando ela chega, ou para eles [as pessoas comuns que evitam pensar na morte], ou para suas mulheres, filhos e amigos, surpreendendo-os imprevistamente e sem defesa, que tormentos, que gritos, que dor e que desespero os abatem! Já vistes algum dia algo tão rebaixado, tão mudado, tão confuso? (I.20, p. 127).

Montaigne continua seu embate com o vulgo, apresentando uma objeção a seu próprio argumento que poderia ser atribuída à visão dessas pessoas em relação à preparação para a morte: “Que importa que seja assim, dir-me-eis, contanto que não nos atormentemos com isso?” (I.20, p. 126) Essa é uma objeção importante, porque apesar de a morte ser inevitável, imprevisível e universal, não há nada nisso que nos obrigue necessariamente a tê-la sempre em mente, pelo contrário, não pensar nessas características da morte seria até um modo de não se preocupar com elas.

Montaigne, de fato, gostaria de poder enfrentar a morte da mesma forma que o povo em geral, sem meditação, sem pensar nela, sem se

preocupar com esse inevitável fim, bastaria viver sossegado, esquecer a morte, conforme ele expõe:

[A] Sou da mesma opinião, e, seja qual for a maneira como possamos nos proteger dos golpes, mesmo que sob a pele de um bezerro, não sou homem de recuar diante disso. Pois me basta passar o tempo como me agrada; e a melhor situação que eu me possa conceder adoto-a, por menos gloriosa e exemplar aos outros que vos parecer. (Idem)

No entanto, se portar diante da morte da forma em que essas pessoas se portam não é eficaz por dois motivos: primeiro porque “mesmo sob a pele de um bezerro”, expressão que significa covardia, a morte ainda chegará, não há como se proteger dela, seu caráter inevitável já demonstrou isso, ou seja, se houvesse um meio de agir como um covarde e se esconder da morte a ponto de escapar dela sempre, seria um bom meio a ser empregado, no entanto, por mais que se esconda, mais cedo ou mais tarde ela chegará; segundo porque Montaigne afirma que é loucura achar que podemos viver sem pensar na morte. Sua presença constante em nosso cotidiano a torna constante também em nossos pensamentos. Essas são, portanto, as respostas de Montaigne à objeção do vulgo.

O filósofo francês se coloca como a prova viva de que esse procedimento de meditação constante sobre a morte é um útil caminho para o aniquilamento do temor que ela provoca, ele próprio fez uso deste artifício:

[A] Desde sempre, não há algo que me tenha ocupado mais do que os pensamentos sobre a morte: mesmo no período mais desregado de minha vida, (...) entre as mulheres e os jogos, as pessoas julgavam-me ocupado em digerir comigo mesmo algum ciúme ou a incerteza de alguma esperança, ao passo que eu refletia sobre alguém que nos dias anteriores fora assaltado por uma febre alta e pelo fim (...). (I.20, p. 129)

A consequência disso é a tranquilidade e a completa preparação para quando o momento da morte finalmente chegar.

Aprender a morrer seria, portanto, ter consciência de que a morte é inevitável e ter a capacidade de antecipar a sua imprevisibilidade. Em suma, eis a recomendação primordial do filósofo francês:

[A] Aprendamos a enfrentá-lo [esse inevitável fim] de pé firme e a combatê-lo. E, para começar a roubar-lhe sua maior vantagem contra nós, tomemos um caminho totalmente contrário ao habitual. Eliminemos-lhe a estranheza, trilhem-lo, acostumemo-nos a ele. Não pensemos em nenhuma outra coisa com tanta frequência quanto na morte. A todo instante representemo-la à nossa imaginação, e sob todos os aspectos. Ao tropeço de um cavalo, à queda de uma telha, à menor picada de um alfinete, ruminemos imediatamente: “Pois bem, quando será a morte mesma?” E diante disso enrijeçamo-nos e fortifiquemo-nos. (...) É incerto onde a morte vos espera; esperemo-la em toda parte. (I.20, p. 128).

Esse é o trecho que melhor descreve a ideia de preparação mental sobre a morte que Montaigne recomenda em I.20. O golpe dado pela morte no momento de sua chegada já nos traz demasiados problemas, de modo que se não estivermos preparados para esse golpe o sofrimento será maior, e as dificuldades que ela nos impõe se tornarão ainda mais insuportáveis. Portanto, os benefícios dessa preparação são nítidos.

Aquele que não se prepara, que não tem a morte constantemente em seus pensamentos, será pego de surpresa e todos os seus planos cairão por terra quando a morte chegar. Em contrapartida, aquele que faz o exercício de meditação constante sobre a morte, terá uma prevenção sobre seus planos, e os mesmos serão feitos com a consciência de que a morte pode colocar-lhes fim, então tais projetos serão feitos sem paixão exagerada, com o limite que a iminência da morte lhe impõe, para que assim, no momento crucial da morte, não haja espaço para preocupações desnecessárias. É isso que Montaigne espera para si:

“[A] e que a morte me encontre plantando minhas couves, mas despreocupado dela, e mais ainda de meu jardim imperfeito” (I.20, p. 131).

Portanto, a antecipação mental da morte, a preocupação de se manter constantemente preparado para esse inevitável fim tem, de forma paradoxal, o benefício de dar-nos uma despreocupação, ou seja, já estaremos suficientemente preparados no momento em que a morte vier, não terá mais espaços para surpresas, a preparação, portanto, beneficia a qualidade da vida. Assim, aquele temor que antes o atormentava, que desestabilizava a vida, não mais existirá: “[A] A premeditação da morte é premeditação da liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu a servir. Saber morrer é libertar-se de toda sujeição e imposição.” (I.20, p. 128).

## **Discurso da natureza**

Mesmo após empreender o que foi apresentado anteriormente, Montaigne parece ainda não estar satisfeito com sua defesa da preparação para a morte, e ele então apresenta novamente uma possível objeção em relação aos seus argumentos em favor dessa premeditação: “[A] Dir-me-ão que a realidade ultrapassa de tão longe a imaginação que não há batalha tão fácil que não se perca, quando se chega a ela.” (I.20, p. 133). De acordo com esse argumento, o modo como representamos todas as possíveis formas que a morte pode nos ocorrer não é fidedigno ao retratado através da imaginação, pois ela não retrata com exatidão a realidade das coisas. Assim, de que modo a antecipação mental da morte cumpriria com o objetivo de nos preparar para esse momento derradeiro se sua verdadeira essência não pode ser retratada de modo fiel por nossa razão ou imaginação? No momento fatal, a morte se mostraria muito mais dura de ser combatida e assimilada do que a nossa razão previu.

Montaigne, contudo, vai responder essa objeção em dois momentos: primeiro ele apenas inicia sua defesa sem grandes aprofundamentos na objeção: “[A] Deixai-os falar; sem a menor dúvida, premeditá-la dá grande vantagem. (I.20, p. 153). Ou seja, Montaigne faz uso da mesma ideia já exposta por ele de que é muito mais vantajoso se preparar para morte do que não se preparar, e de que enfrentá-la de pé firme é muito mais eficaz que dar-lhe as costas. Ele não ataca diretamente o argumento, ou seja, ele não afirma que a imaginação é realmente capaz de representar a morte de modo real, afirma apenas que o seu percurso sem aflições já é algo útil.

Portanto, ao invés de atacar a objeção de que a imaginação não nos antecipa de modo exato a realidade das coisas, Montaigne parece concordar em parte com ela, isso fica mais evidenciado quando ele afirma:

[A] Assim como em várias outras ocasiões experimentei o que diz César, que amiúde as coisas nos parecem maiores de longe que de perto, descobri que estando saudável eu sentira pelas doenças muito mais horror do que quando as tive; o vigor que sinto, o prazer e a força fazem o outro estado parecer-me tão desproporcional que pela imaginação aumento aqueles dissabores em mais a metade, e imagino-os mais pesados do que os considero quando os carregos nas costas. Espero que o mesmo me aconteça com a morte. (I.20, 133-4)

Conforme dito, Montaigne concorda que a imaginação, de fato, não representa as coisas como elas realmente são e, portanto, não representa esses males humanos corretamente. No entanto, ainda assim ele permanece firme em sua posição de que a antecipação mental é um caminho útil na preparação para a morte. Contudo, seu argumento tem uma diferença providencial em relação ao argumento hipotético da objeção, pois neste último é a imaginação que extrapola a realidade, em contrapartida, no argumento de Montaigne acontece o contrário, é a realidade que extrapola a imaginação.

Essa diferença traz consequência inversa em relação à apresentada pelos opositores, a premeditação da morte buscará sua eficiência justamente nesse erro da imaginação, pois quando o momento da morte chegar ele se mostrará bem mais suave do que a nossa imaginação previu. Em outras palavras, a forma exagerada, o que também se configura um erro, que a nossa imaginação usa para premeditar a morte, faz com que sua chegada seja bem mais branda do que se esperava. A inversão é nítida aqui, mesmo reconhecendo o limite da eficiência da imaginação, Montaigne reafirma a sua utilidade na luta contra o medo da morte.

Na continuação de seu embate contra essa objeção, Montaigne expõe um elemento que se tornou em um dos fundamentos principais de sua filosofia da morte. Trata-se da ideia de natureza como o nosso guia nessa árdua tarefa de morrer: “[A] Há mais ainda: a própria natureza estende-nos a mão e nos dá coragem.” (I.20, p. 133). Apesar de a premeditação não representar o fim da vida de forma absolutamente fiel, ela não se distancia tanto assim da realidade. Seguir a natureza fortalece a nossa razão/imaginação, proporcionando elementos que nos ajuda na antecipação mental da morte: “[A] Isso me faz esperar que, quanto mais eu me afaste daquela [a vida] e me aproxime desta [a morte], mais facilmente me renda à mudança de uma para outra” (Idem).

Uma característica importante nessa segunda parte de I.20 é que agora é a própria natureza que toma voz no texto, ela mesmo que demonstrará seus elementos de auxílio na preparação para a morte, ela própria fará seu discurso. Chamemos isso, portanto, de “discurso da natureza”, e assim iniciam suas recomendações:

[A] Deixai este mundo como nele entrastes, diz ela. A mesma passagem que fizeste da morte para vida, sem sofrimento e sem temor, refazei-a da vida para a morte. Vossa morte é uma das peças da ordem do universo. (...) A morte é a condição de vossa criação, é uma parte de vós: fugis de vós mesmos. Este vosso ser, de que desfrutais, tem parte igual na morte e

na vida. O primeiro dia de vosso nascimento encaminha-vos para morrer como para viver... (I.20, p. 136-7).

A natureza mostra que a morte é parte integrante da nossa condição, ela retira a sua negatividade tornando-a parte constitutiva do nosso viver, deixando de ser simplesmente uma interrupção imediata da vida, para ser parte inerente dela. Assim, morrer e viver são condições que estão intimamente ligadas: “[C] O trabalho contínuo de nossa vida é constituir a morte. Estais na morte enquanto estais em vida, pois estais após a morte quando já não estais em vida.” (I.20, p. 137). Morte e vida estão, portanto, representadas enquanto relação cíclica onde uma é a fonte da origem da outra, conforme afirma o filósofo em um acréscimo da edição de 1588:

[C] Assim como nosso nascimento nos trouxe o nascimento de todas as coisas, assim nossa morte trará a morte de todas as coisas. Por isso, chorar porque daqui a cem anos não estaremos vivendo é loucura igual a chorar porque cem anos atrás não vivíamos. A morte é origem de uma outra vida. (I.20, p. 136).

Esse é o argumento fatal de Montaigne contra o temor da morte, não há mais motivo para temê-la, afinal: “[C] Não pode ser penoso algo que o é apenas uma vez. Será certo temer por tão longo tempo uma coisa de tão breve duração?” (Idem). É eliminado, portanto, o lado negativo da morte, ela faz parte da vida, devemos entender a morte como algo presente em cada momento da nossa existência. Feito isso poderemos perceber algo semelhante ao que já fora demonstrado em I.14: “[A] se é uma morte rápida e violenta, não temos tempo de temê-la; se é diferente, percebo que à medida que me enfronho na doença começo a ter naturalmente um certo desdém pela vida” (I.20, p. 133).

Novamente, o temor da morte perde o sentido, não importa de que forma ela virá, ela já não será mais um mal, já estaremos preparados naturalmente para enfrentá-la. Passamos da infância para a juventude, e

depois para a velhice, o próximo passo nos é natural, devemos aceitar essa naturalidade, e ainda que ela venha de forma repentina, não haverá tempo para sofrimentos, e à medida que um mal nos aproxima lentamente da morte, o gosto pela vida se perderá, morrer, então, será, mais uma vez, natural.

A morte está presente em toda a vida, não só no seu momento fatal. Cada dia que passa é um passo a mais em sua direção, portanto, aproveitemos o tempo de vida que nos resta, meditemos sobre a morte enquanto ainda podemos, afinal de contas: “[C]... Todos os dias caminham para a morte; o último chega a ela.” (I.20, p. 141). É necessário aproveitar cada momento da vida da melhor maneira possível para que a saída desta seja de modo satisfeito. O temor da morte leva os homens a buscarem uma vida longa sem, no entanto, se preocuparem com a qualidade da vida mesma:

[C] A utilidade do viver não está no espaço de tempo, mas no uso. Uma pessoa viveu longo tempo, no entanto pouco viveu; atentai para isso enquanto estais aqui. Terdes vivido o bastante depende de vossa vontade, não do número de anos. (I.20, p. 140).

Desse modo, morrer é apenas a consequência de estar vivo, viver bem é viver sem se preocupar com a extensão da vida, mas sim com a qualidade dela: “[A] Eis as boas advertências da mãe natureza” (I.20, p. 141). Assim, finda as recomendações da natureza.

Com a natureza tendo caracterizado a morte como parte inerente da vida, temê-la parece se constituir em algo completamente sem fundamento cuja principal consequência é uma vida marcada por penar e consternação. Portanto, os meios de se preparar para a morte ainda são discutíveis e a própria necessidade de uma preparação também o é. Entretanto, parece não haver dúvidas que eliminar o temor que a morte provoca é fundamental para uma vida serena e tranquila, aprender a morrer é verdadeiramente aprender a viver.

## Referências bibliográficas:

- BRUN, Jean. *O estoicismo*. Trad. não indicada. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Tusculanas*. Trad. Antônio López Fonseca. Madrid: Alianza Editorial, 2010.
- EPICURO. *Antologia de Textos de Epicuro*. In: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. São Paulo. Abril Cultural, 1973. Col.: Os Pensadores, v. V.
- ORIONE, E. J. de Macedo. *A meditação da morte em Montaigne*. 2012. 152 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MONTAIGNE, Michel. *Os Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet: São Paulo. Abril Cultural, 1972. Col.: Os Pensadores, v. XI.
- \_\_\_\_\_. *Os Ensaios*. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PLATÃO. *Fédon*. In: Platão. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores. 1972.
- SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- STAROBINSKI, Jean. *Montaigne em Movimento*. Trad.: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- VAZ, Lúcio. *A simulação da morte: versão e aversão em Montaigne*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- VILLEY, Pierre. *A vida e a obra de Montaigne*, In: Ensaios. Trad. Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.